

Relacionando as estruturas semântico-lexical e sintático-lexical

Márcia CANÇADO (UFMG)¹
Luisa GODOY (UFMG)²

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é oferecer uma proposta de representação lexical dos itens predicadores³, a qual consiste em dois níveis relacionados: um nível sintático-lexical, que toma a forma das estruturas de Hale e Keyser (1993, 2002), e um nível semântico-lexical, que toma a forma de uma decomposição de predicados (nos termos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, 1998, 1999 e outros). Enquanto o nível semântico-lexical organiza e caracteriza semanticamente as classes verbais, o nível sintático-lexical prevê as possíveis configurações sintáticas e as alternâncias argumentais dessas classes. O que os dois níveis têm em comum e o que os relaciona é a raiz. Na decomposição de predicados (nível semântico-lexical), a raiz é um elemento que representa o sentido idiossincrático do verbo e que pode ser classificada quanto a uma ontologia das raízes (Levin e Rappaport, 1998, 1999, 2005). Nas estruturas sintático-lexicais de Hale e Keyser (nível sintático-lexical), a raiz é um elemento pertencente a alguma categoria gramatical.

Vale dizer que a idéia de dois níveis lexicais (um semântico e outro sintático) já foi sugerida nos trabalhos de Levin e Rappaport (1988) e Grimshaw (1990). Mais recentemente, Cançado (a sair) propõe associar as estruturas de Hale e Keyser (2002) com uma decomposição de predicados. Seguindo a proposta inicial de Cançado, vamos expandir e aprofundar essa idéia da vinculação entre os dois tipos de estrutura.

É preciso motivar a postulação desses dois níveis. Consideremos primeiro porque não ficamos apenas com o nível semântico-lexical. A razão é que o mapeamento de uma decomposição de predicados na sintaxe não é algo trivial. Como explicam Levin e Rappaport-Hovav (2005), é preciso tornar explícita a correspondência dos argumentos semânticos da decomposição de predicados nas posições sintáticas. Essa correspondência pode ter a forma de regras de *linking* ou hierarquias de argumentos. A sintaxe lexical de Hale e Keyser (2002) pode funcionar como uma hierarquização dos argumentos semânticos, de forma a fazer a interface da semântica lexical com a sintaxe propriamente dita, a sintaxe sentencial. Ou seja, assumindo as estruturas de Hale e Keyser (2002) em composição com as estruturas de decomposição de predicados, estamos tecendo uma proposta de mapeamento sintático. Além disso, a maneira como se dão as alternâncias argumentais na sintaxe é bem explicada por meio das estruturas de Hale e Keyser (2002), enquanto que, se ficássemos apenas com as decomposições de predicados, teríamos de nos valer de mais regras para explicar essas alternâncias.

Por outro lado, por que não ficamos apenas com o nível sintático-lexical, como é o caso da própria teoria de Hale e Keyser (1993, 2002), isenta de informações semânticas? O

¹ A autora agradece o apoio financeiro do CNPq (bolsa PQ) e da FAPEMIG (bolsa PPM).

² A autora agrade o suporte financeiro da CAPES (bolsa de doutoramento).

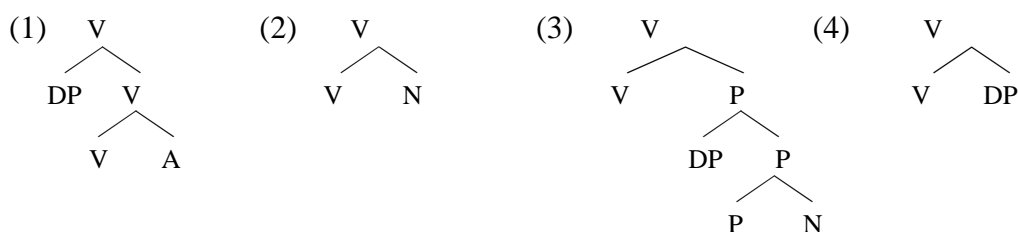
³ Vamos aqui tratar exclusivamente de verbos.

principal motivo é o fato de que as estruturas sintático-lexicais não dão conta de representar todos os traços lexicais que são relevantes linguisticamente em relação aos verbos. Por exemplo, Hale e Keyser (2002), frente a restrições de teor semântico para a alternância causativa, alocam-nas na parte enciclopédica do sentido dos verbos. Porém, em uma decomposição de predicados, essas restrições poderiam não apenas ser representadas como explicadas, pois é possível que sejam sistemáticas em certas classes de verbos e não, idiossincráticas/enciclopédicas. Se assim for, temos um ganho em termos de generalização e explicação sobre o que influi na realização argumental dos verbos de uma língua.

É importante ainda realçar que o mapeamento entre a semântica e a sintaxe se dá de uma forma “muitos-para-um”. Se o ponto de convergência das duas estruturas é a raiz, expressa na semântica por categorias ontológicas e na sintaxe por categorias gramaticais, é evidente que teremos várias classes semânticas associadas a uma única estrutura sintático-lexical, pois há mais categorias ontológicas do que categorias gramaticais.

2. As estruturas sintático-lexicais de Hale e Keyser (2002)

Desde Hale e Keyser (1993), os autores propõem a existência de uma sintaxe no léxico, cujas estruturas (diagramas arbóreos) são as próprias estruturas argumentais dos itens lexicais. Em um trabalho mais recente, Hale e Keyser (2002) reelaboram a sua proposta⁴, sugerindo, no total, quatro estruturas sintático-lexicais para representar a estrutura argumental dos verbos do inglês:



Em (1), temos a estrutura dos verbos deadjetivais, como *clear*, que projetam um Spec para V e cuja raiz é de natureza A (adjetivo). A posição de Spec é a do argumento interno; o argumento externo não é representado, pois não pertence à estrutura argumental dos verbos, fazendo parte da estrutura sintático-sentencial, a sintaxe propriamente dita, e sendo introduzido sob uma projeção funcional (IP ou TP).

Em (2), temos a estrutura sintático-lexical de verbos inergativos, denominais, como *laugh*. A raiz desses verbos (em posição de complemento de V) é de natureza gramatical N (nome) e não projeta um Spec para o verbo; esses verbos não têm argumento interno. A

⁴ Dentre eles: a) assumem os princípios da “Bare Phrase Structure” em oposição aos princípios da Teoria X-barra adotada anteriormente, b) alteram algumas das estruturas propostas (como a das preposições, que predicam um argumento em (1993), mas dois argumentos em (2002)), c) substituem a idéia de “incorporation” pela de “conflation” na derivação lexical de itens como os verbos inergativos (vide argumentação dos autores para a diferença entre os dois processos) e d) chamam o complemento do verbo na estrutura sintático-lexical de “raiz” (por vezes representada nos diagramas arbóreos como R).

presença de um argumento interno em posição de Spec de V é o que determina a possibilidade de o verbo alternar entre uma forma intransitiva-incoativa e uma transitiva-causativa. Na sintaxe sentencial de verbos cuja estrutura sintático-lexical é (1), o argumento interno pode ou ser alçado para a posição de sujeito, formando uma sentença intransitiva, ou ocupar a posição de objeto, sendo um argumento externo inserido diretamente em posição de Spec de IP. Por outro lado, na estrutura sintático-lexical de verbos que não projetam um Spec, como em (2), não há um argumento que possa ser alternado.

Em (3), temos a estrutura de verbos conhecidos como *location* e *locatum* (*bottle* e *butter*), verbos psicológicos (*anger*) e resultados (*cut*). Para Hale e Keyser, esses verbos são denominais, como os inergativos, mas seu complemento é a projeção de uma preposição abstrata⁵. A raiz é N, que se une (*merge*) com P e depois com V, seguindo os princípios da operação *conflation*. Ainda, como esses verbos não projetam um Spec de V, eles também não participam da alternância causativa.

E em (4), temos uma estrutura de verbos em que a configuração da estrutura argumental projetada pelo núcleo contém somente um argumento, o complemento, não incluindo um especificador (*make a fuss*). Esses verbos também não participam da alternância causativa.

Neste trabalho, vamos adotar essas quatro estruturas para o nível sintático-lexical, assumindo, em concordância com os autores, que elas são universais. Porém, assumimos a possibilidade de que as classes verbais não sejam sempre as mesmas em todas as línguas. Ou seja, ainda que um verbo de uma língua denote um mesmo evento no mundo que um verbo de outra língua, é possível que a conceptualização do evento realizada por cada verbo não seja a mesma. Por exemplo, o verbo *blush* ('corar') em inglês é inergativo, enquanto em italiano, *arrossire*, é inacusativo. Levin (1993) sugere que a diferença está na diferente conceptualização do evento lexicalizada por cada língua (no inglês é uma atividade e no italiano, um *achievement*). Por isso, este trabalho é uma proposta de classificação de alguns tipos de verbos causativos e de verbos de atividades do português brasileiro (PB).

3. A decomposição de predicados de Levin e Happaport-Hovav (1995, 1998, 1999, 2005)

Partindo da hipótese de que a semântica lexical varia nas línguas, assumimos que, pelo menos para o PB, dividir as classes verbais pela natureza morfológica da raiz, como fazem Hale e Keyser (2002) ao separar os verbos em deadjetivais e denominais, não é uma boa estratégia de análise. Por exemplo, o verbo deadjetival *clarear* se comporta como o verbo não-deadjetival *quebrar*, pois ambos apresentam a alternância causativo-incoativa. Semanticamente, ambos denotam uma mudança de estado. Então, propomos classificar esses verbos por sua classe semântica e não, por seu comportamento morfológico. Estamos assumindo, conforme Levin (1993), que um comportamento sintático semelhante (mesmas possíveis realizações argumentais) é indício de uma mesma classificação semântico-lexical.

⁵ A preposição é, para os autores, uma projeção diádica. A única categoria gramatical essencialmente birrelacional é a preposição.

Muitos semanticistas lexicais (como Jackendoff, 1990, Van Valin e LaPolla, 1997, Van Valin, 2005 e Wunderlich, 2000) exploraram a idéia que os determinantes semânticos da realização argumental derivam da decomposição do significado dos verbos em elementos básicos. Segundo Levin e Rappaport Hovav (2005, p.69): “A decomposição de predicados é a representação do significado formulada em termos de predicados primitivos escolhidos para representar os componentes do significado que são recorrentes entre os grupos de verbos”. Como os verbos individualizam e nomeiam os eventos, as teorias de decomposição de predicados são também teorias de tipos de eventos. Usaremos a abordagem de decomposição de predicados para tratar das classes de verbos estudadas, ou dos tipos de eventos que essas classes nomeiam⁶.

Seguiremos mais de perto a proposta de Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1998, 1999, 2005) para propormos a nossa classificação dos verbos no PB. Vejamos um exemplo. As autoras propõem que verbos que denotam mudança de estado, como *quebrar*, têm a seguinte estrutura semântica:

(5) v: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]

A estrutura inteira representa a contraparte causativa dos verbos de mudança de estado e a estrutura encaixada [Y BECOME <STATE>] representa a contraparte incoativa desses verbos. Na estrutura em (4), ACT, CAUSE e BECOME são predicados primitivos, X e Y são os argumentos de cada um desses predicados (o “agente” e o “paciente”, respectivamente) e o que está entre colchetes angulados é a chamada “constante” (Levin e Rappaport-Hovav, 1998) ou “raiz” (Levin e Rappaport-Hovav, 2005), que representa o sentido idiossincrático de cada verbo. Apesar de veicularem um sentido idiossincrático, as raízes podem ser classificadas quanto a determinados tipos ontológicos. A coincidência terminológica da palavra “raiz” nas propostas de Levin e Rappaport-Hovav e Hale e Keyser não é gratuita. As autoras entendem as estruturas de Hale e Keyser como uma “versão sintática” da decomposição de predicados.

Levin e Rappaport-Hovav (1995) assumem que existem verbos que denotam eventos externamente causados e verbos que denotam eventos internamente causados. Os primeiros são verbos que denotam uma mudança de estado, cuja causa é externa ao evento, tendo um controle imediato sobre a ação: *O João quebrou o vaso*. Uma evidência de que esse evento é externamente causado é que o resultado do evento – *o vaso quebrado* – não tem nenhuma relação com o causador do evento. A estrutura semântica dessa classe foi apontada no exemplo em (5). Os segundos verbos denotam uma ação que decorre de propriedades inerentes a uma entidade participante do evento, não necessitando de nenhuma força externa, por exemplo: *João tossiu*. Esses verbos têm um argumento agentivo com uma ação controlada do corpo, de forma intencional. O resultado de eventos desse tipo – *a tosse de João* – está relacionado diretamente com o causador.

⁶ Ver Levin e Rappaport-Hovav (2005) para uma argumentação sobre a vantagem da decomposição de predicados em relação à abordagem de uma listagem de papéis temáticos atribuídos por um verbo.

Vamos seguir, em parte, essa proposta. Entretanto, estenderemos mais essa divisão e assumiremos uma noção mais ampla de causação, de forma a capturar de uma maneira mais fina diferenças semânticas linguisticamente relevantes.

4. Verbos de mudança de estado que denotam um evento externamente causado

Baseada em Levin e Rappaport (1995, 1998, 1999, 2005), Cançado (a sair) propõe que certos verbos externamente causados podem ser decompostos como em (6) abaixo, em que x é uma força externa como um agente, um instrumento ou mesmo uma eventualidade, y é a entidade afetada e *STATE* é o elemento idiossincrático do significado, a raiz:

(6) v : [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]

A representação semântica em (6) difere da de Levin e Rappaport-Hovav em (4), porque especifica mais o evento. Cançado propõe que alguns verbos apresentam o predicado ACT apenas opcionalmente, porque se x for o agente volicional da ação, isso não está marcado lexicalmente no verbo, mas no nível sentencial, com a presença de um modificador relacionado ao sujeito:

- (7) a. João quebrou o vaso.
b. João quebrou o vaso deliberadamente.

A interpretação agentiva irá depender da composição, na sintaxe sentencial, do sujeito com um modificador que expresse volição. Essa diferença semântica acarretará relevantes diferenças para as projeções da estrutura sintático-lexical.

Exemplos de verbos que podem ser representados pela estrutura em (5) são:

- (8) a. *quebrar*: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <QUEBRADO>]]
b. *abrir*: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <ABERTO>]]
c. *clarear*: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <CLAREADO⁷>]]

Parafraseando as estruturas acima, temos:

- (9) O X causou (voluntaria ou involuntariamente) o Y se tornar *quebrado/aberto/clareado*.

⁷ Diferentemente do inglês, não nos parece que em PB, o estado final de *clarear* seja o adjetivo *claro*. *O sol clareou a sala* não quer dizer que *algo causou a sala ficar clara*, mas sim, *algo causou a sala ficar clareada (mais clara)*. Portanto, para o PB, assumimos que é um particípio que está associado aos estados finais de sentenças causativas e associaremos os particípios à categoria gramatical de adjetivo. Sobre a relação de particípios e adjetivos, ver Parsons (1990).

Outros exemplos de verbos dessa classe são:

- (10) afogar, afundar, apagar, arruinar, arrebentar, assustar, animar, aborrecer, contundir, destruir, esvaziar, esfriar, fechar, ferir, furar, incendiar, machucar, queimar, trincar, rachar, rasgar, secar...

A estrutura de predicados acima se compõe de dois subeventos, tendo, portanto, a natureza acional de um *accomplishment* (Pustejovsky, 1995). Tomemos um exemplo:

- (11) O João clareou a sala.

Esse evento complexo pode ser dividido em dois subeventos: *o João clarear* e *clarear a sala*. Evidência de que o verbo em (11) é composto de dois subeventos é que, se acrescentarmos os adjuntos *quase* e *de novo*, a sentença terá uma leitura ambígua, pois os advérbios terão escopo ou sobre o primeiro ou sobre o segundo subevento⁸:

- (12) a. O João quase clareou a sala.
b. O João clareou a sala de novo.

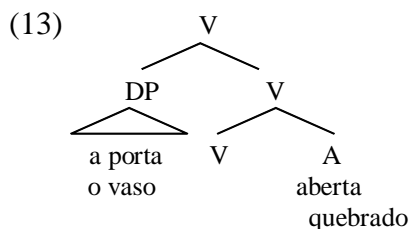
Na primeira interpretação, que incide sobre o primeiro subevento, temos as seguintes paráfrases: *O João nem chegou a clarear a sala* e *O João fez a ação de clarear novamente*. Na segunda interpretação, que incide sobre o segundo subevento, temos as seguintes paráfrases: *O João começou a clarear a sala, mas não concluiu a ação* e *A mesma sala foi clareada novamente* (sendo possível entender que, da primeira vez em que foi clareada, não foi João quem o fez).

Além de características semânticas, as classes que iremos propor também apresentam distintas propriedades sintáticas, o que motiva a classificação.

4.1 A estrutura sintático-lexical

A projeção na estrutura sintático-lexical será diferenciada. Cada classe semântica se projetará em um dos quatro tipos de configurações propostas por Hale e Keyser; vide (1)-(4). A raiz semântica dos verbos de mudança de estado pertence à categoria ontológica dos estados; essa informação é projetada na sintaxe lexical do verbo como um adjetivo⁹. A estrutura argumental proposta para esses verbos consiste em dois componentes estruturais: uma raiz (A) e um verbo hospedeiro (V). O componente verbal toma um complemento, realizado aqui como a raiz que, por ser um adjetivo, requer um Spec em V:

⁸ O uso de adjuntos como testes para se identificar um evento complexo vem sendo feito desde Lakoff (1977).
⁹ Assumiremos que os participípios estão na categoria dos adjetivos e que a estrutura sintático-lexical, bem como a decomposição do sentido do verbo em predicados semânticos primitivos, é cega à questão da origem morfológica (que deve ser mais bem investigada).



A presença do Spec de V licencia a possibilidade de um argumento alternante, por isso esses verbos participam da alternância causativa

- (14) a. O vaso (se) quebrou.
 b. A porta (se) abriu.
 c. A sala (se) clareou.

Além dessas características sintáticas, vale realçar que esses verbos não podem ter o objeto apagado, diferentemente de outra classe que veremos adiante:

- (15) a. *O João quebrou ~~o vaso~~.
 b. *O vento abriu ~~a porta~~.
 c. * O João clareou ~~a sala~~.

5. Verbos de resultado que denotam evento externamente causado

Observem-se as sentenças:

- (16) O João lavou o carro.
 (17) O João cortou a folha.
 (18) O dentista extraiu o dente de João.

A representação semântica dos verbos de (16) a (18) irá incluir o predicado ACT, porque a ação deliberada de *João* está lexicalmente incluída no sentido do verbo. Esses verbos serão classificados como externamente causados, pois é necessária uma força externa para que o evento se desencadeie, entretanto, essa força tem um controle imediato sobre o desenrolar do evento, sendo esse argumento estritamente agentivo. Além disso, esses verbos têm uma estrutura de eventos complexa, composta por dois subeventos relacionados por uma causação. O primeiro subevento é a ação do agente e o segundo subevento denota um resultado, por meio de algum tipo de afetação, em uma entidade, diferentemente da primeira classe estudada, que denota uma mudança de estado na entidade. Veja que as sentenças abaixo não seriam boas paráfrases para as sentenças em (16)-(18):

- (19) ?? O João agir causou o carro se tornar lavado.
 (20) ?? O João agir causou a folha se tornar cortada.
 (21) ?? O dentista agir causou o dente de João se tornar extraído.

Por isso, propomos a seguinte estrutura:

(22) *v*: [[X ACT] CAUSE [<AFFECTEDNESS> of Y]]

A partir dessa estrutura geral de predicados, temos o seguinte:

(23) *lavar*: [[X ACT] CAUSE [<LAVAÇÃO> of Y]]

(24) *cortar*: [[X ACT] CAUSE [<CORTE> of Y]]

(25) *extrair*: [[X ACT] CAUSE [<EXTRAÇÃO> of Y]]

Parafraseando as estruturas acima, temos:

(26) O X agir causou a lavação/o corte/a extração de Y.

São exemplos de verbos participantes dessa classe:

(27) afiar, anestesiari, lavar, limpar, consertar, decorar/pintar (uma casa), demolir, esterilizar, fazer as unhas, fazer escova, fotografar, gravar, radiografar, retirar, remover, varrer, operar, xerocar ...

Para evidenciar que as estruturas desses verbos são compostas por dois subeventos e também denotam um *accomplishment*, tomemos a composição com os adjuntos *quase e de novo*:

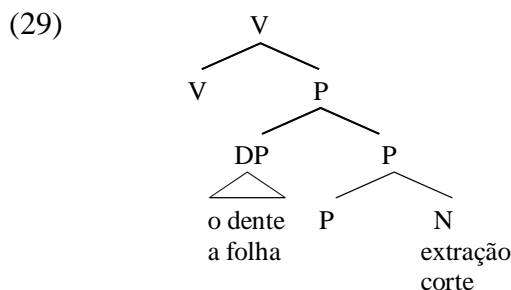
(28) a. João quase cortou a folha.

b. João cortou a folha de novo.

Temos, para as sentenças acima, interpretações ambíguas: *O João nem começou a cortar a folha* ou *O João começou, mas não terminou*; *O João fez a ação de cortar de novo* ou *a mesma folha foi cortada de novo*.

5.1 A estrutura sintático-lexical

A raiz semântica desses verbos pertence à categoria ontológica dos eventos (uma afetação); essa informação é projetada na sintaxe lexical do verbo como um nome. Segundo Hale e Keyser, V cuja raiz são nomes resultantes de uma afetação (*o corte, a extração...*) têm, como complemento, uma projeção de P, cujo complemento, por sua vez, é um nome de resultado. Portanto, temos a seguinte estrutura sintático-lexical:



Como a estrutura acima não abre um especificador para V, não existe a possibilidade da estrutura alternante causativa:

- (30) a. *O carro (se) lavou.
 b. *A folha (se) cortou.
 c. *O dente de João (se) extraiu.

Em relação ao apagamento dos objetos, essa classe funciona como a primeira, não aceitando tal propriedade:

- (31) a. * João assassinou ~~o homem~~.
 b. * O João cortou ~~a folha~~.
 c. * O dentista extraiu ~~o dente de João~~.

6. Verbos de criação que denotam evento externamente causado

Os verbos participantes dessa classe também estabelecem uma relação de causa entre dois subeventos e têm um agente inerente marcado no verbo. Porém, diferem dos verbos anteriores em relação ao objeto. Semanticamente, eles denotam uma entidade final criada (um “tema incremental”, nos termos de Dowty, 1991) e não, um resultado por afetação:

- (32) O João pintou um quadro.
 (33) O João desenhou um pássaro.
 (34) O João escreveu uma carta.

Ainda, podemos observar que os sentidos de verbos como *pintar*, *escrever*, *desenhar* estão relacionados diretamente às maneiras específicas de um agente agir e, com isso, propomos que as raízes desses verbos são subespecificações do predicado ACT, expressas pela categoria ontológica MANEIRA. Portanto, a estrutura de predicados proposta é:

- (35) v: [[X ACT <MANNER>] CAUSE [CREATION of Y]

A paráfrase para as sentenças acima, a partir da estrutura em (35) é:

Cançado, M. e L. Godoy. 2009. Relacionando as estruturas semântico-lexical e sintático-lexical. Artigo apresentado no Encontro do GT de Teoria da Gramática ANPOLL. UNB. (a ser publicado nos anais do encontro)

(36) O João agir pintando/desenhando/escrevendo causou a criação de Y.

São participantes dessa classe, dentre outros, os seguintes verbos:

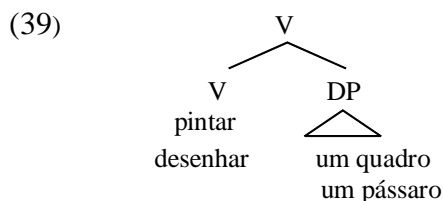
(37) criar, esculpir, compor, fabricar, bordar, fazer...

Se acrescentarmos os adjuntos *quase* e *de novo*, criam-se sentenças ambíguas, evidenciando a complexidade da estrutura do evento:

- (38) a. O João quase pintou um quadro.
b. O João pintou o quadro de novo.

6.1 A estrutura sintático-lexical

Os verbos de criação tem a sua raiz classificada ontologicamente como MANEIRA. Maneira está relacionada ao modo verbal, devendo ser associada na estrutura sintático-lexical ao V. Portanto, a única estrutura possível será a (4), em que o núcleo projeta somente um complemento:



Como a estrutura acima não abre um especificador para V, não existe a possibilidade da estrutura alternante causativa:

- (40) a. *O quadro (se) pintou.
b. *O pássaro (se) desenhou.
c. *A carta (se) escreveu.

Entretanto, diferentemente das outras classes, essa classe de verbos pode ter seu objeto apagado, alterando sua interpretação aspectual: a versão com objeto denota um *accomplishment*, mas a versão sem objeto denota uma atividade.

- (41) O João pintou a noite toda.
(42) O João desenhcou muito no ano passado.
(43) O João escreveu durante toda a viagem.

Esse apagamento deve-se ao elemento idiossincrático do verbo estar associado ao primeiro subevento e não, ao segundo subevento, o resultado da ação. Nas outras classes, a

raiz dos verbos está associada diretamente aos resultados das ações, expressos no segundo subevento, não podendo, portanto, ser apagada. Assim, esses verbos apresentam também uma estrutura monoeventiva, derivada da estrutura em (35):

(44) v: [[X ACT <MANNER>]

7. Verbos de atividades que denotam evento internamente causado

Nessa classe de verbos, temos os seguintes exemplos:

- (45) a. João dançou.
 b. João cantou.
 c. João tossiu.

Para Levin e Rappaport-Hovav, os verbos internamente causados são aqueles cuja ação denotada decorre de propriedades inerentes à entidade participante do evento, não havendo necessidade de força externa. Apesar de as autoras classificarem esses verbos como verbos que denotam “eventos causados”, na estrutura de predicados que propõem não é incluído o predicado CAUSE. Isso se deve à natureza não-complexa do evento. Para verbos do tipo *dance*, as autoras propõem a seguinte estrutura:

(46) v: [X ACT <MANNER>]

Entretanto, se assumirmos somente essa estrutura, estamos assumindo que a classe de verbos de criação tem uma estrutura parecida com essa classe. Mas como foi realçado, esses verbos denotam eventos causados pelas propriedades inerentes da entidade participante do evento, diferentemente da classe dos verbos de criação. Propomos, então, que os participantes desse tipo de evento também serão afetados por sua própria ação, apresentando a seguinte estrutura de eventos:

(47) v: [X ACT <MANNER>] & [AFFECT X]

A paráfrase para esses exemplos é:

- (48) O João age dançando e é afetado por essa ação.

Mais exemplos de verbos participantes dessa classe:

- (49) pular, sorrir, gritar, berrar...

Os verbos que têm a estrutura proposta em (47) denotam um evento simples. Se acrescentarmos os adjuntos *quase* e *de novo*, não teremos a leitura ambígua, ficando

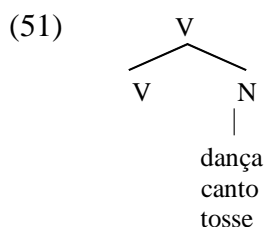
evidente que só há um evento sobre o qual os advérbios possam ter escopo, ainda que seja acrescentado um objeto hiponímico ou cognato:

- (50) a. O João quase dançou um samba.
b. O João dançou um samba de novo.

As únicas interpretações para essas sentenças são: *O João nem começou a dançar* e *O João fez a ação de dançar novamente*.

7.1 A estrutura sintático-lexical

Esses verbos são tratados como verbos inergativos e tem a estrutura de (1), proposta por Hale e Keyser:



Como o N não projeta um Spec para o verbo, essa classe de verbos não participa da alternância causativa:

- (52) *Eu dancei o João.

Restaria, ainda, tratar da questão da possibilidade de inserção de um objeto cognato ou hiponímico. Talvez como uma restrição, a gramática da língua não licencia a ocorrência de um objeto idêntico ao nome “incorporado” no verbo, daí a agramaticalidade ou a anomalia de:

- (53) #João sorriu um sorriso.
(54) #João dançou uma dança.
(55) #João pulou um pulo.

Entretanto, se esse objeto tiver uma especificação não contida no próprio verbo, os objetos são aceitos:

- (56) ?João sorriu um sorriso amarelo.
(57) João dançou um samba.
(58) ?João pulou um pulo fantástico.¹⁰

¹⁰ Para maiores detalhes de uma proposta nesse sentido, ver capítulo 3 de Hale e Keyser (2002).

8. Referências bibliográficas

- CANÇADO, M. (No prelo) Verbal Alternations in BP: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*. v. 3, n. 1.
- DOWTY, D (1991) Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67, 547-619.
- GRIMSHAW, J. (1990) *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.
- HALE, K.; KEYSER, S. (1993) On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In Kenneth Hale & Samuel Keyser (eds.), *The View from Building 20*, 53-109. Cambridge: MIT Press.
- HALE, K.; KEYSER, S. (2002) *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.
- JACKENDOFF, R. (1990) *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press.
- LAKOFF, G. (1970) *Irregularity in syntax* New York: Holt, Rinehart, and Winston.
- LEVIN, B. (1993) *English verb classes and alternations*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. (1995). *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. (1998). Building verb meanings. In: BUTT, M; GEUDER, W. (eds.) *The projection of arguments: lexical and compositional factors*. Stanford: CSLI Publications.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT, M. (1999). Objecthood: an event structure perspective. In: *CLS*, n. 35, v. 1: the main session.
- LEVIN, B.; M. RAPPAPORT HOVAV, M. (2005). *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARTÍN, J. (1995) Aktionsart in word formation: verbal prefixation. *CatWPL*, v. 5, n.1.
- PUSTEJOVSKY, J (1995). *The generative lexicon*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- RAPPAPORT, M.; LEVIN, B. (1988) What to do with theta-roles. In: Wilkins, W. (Ed.) *Syntax and Semantics 21*. Academic Press: San Diego.

VAN VALIN, R. D.Jr.; LAPOLLA, R. (1997). *Syntax: Structure, Meaning and Function*. Cambridge: Cambridge University Press.

VAN VALIN, Robert D.Jr. (2005). *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press.

WUNDERLICH, D. (2000). Predicate Composition and Argument Extension as General Options- A study in the Interface of Semantic and Conceptual Structure. In Barbara Stiebels and Dieter Wunderlich (eds.), *The Lexicon in Focus*, 247-270. Berlin: Akademie Verlag.